



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CURSO DE LETRAS

SOLANGE APARECIDA CECATO

**A HISTÓRIA E A CULTURA DE CAÇAPAVA DO SUL
REPRODUZIDAS EM SUAS LENDAS**

BAGÉ

2013

SOLANGE APARECIDA CECATO

**A HISTÓRIA E A CULTURA DE CAÇAPAVA DO SUL
REPRODUZIDAS EM SUAS LENDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, Campus universitário de Bagé, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas, sob orientação da Prof^a. Dr. Vera Lucia Cardoso Medeiros

BAGÉ

2013

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me proporcionou ter saúde e forças para jamais desistir dos meus sonhos.

À minha família, Emerson meu marido, Emili e Willian meus filhos amados, que foram meus maiores apoiadores e me acompanharam nessa caminhada, tudo só vale a pena porque vocês estão do meu lado.

Aos meus pais, Orandi e Ivani, que mesmo distantes sempre estiveram ao meu lado em pensamentos e orações, me abençoando e pedindo a Deus que me protegesse e me livrasse dos perigos da estrada.

Às minhas irmãs Keli e Carla, que mesmo distantes sempre torceram por mim.

Aos colegas do curso de Letras que estiveram ao meu lado nesses últimos quatro anos, em especial aos meus amigos queridos, Carla Carolina, Claudia, Cristiane e Rodrigo, meus parceiros de trabalhos, formamos um grupo que dividiu não só aprendizagens e conhecimento, mas também muitas alegrias, planos, dúvidas, vocês fizeram parte de um momento muito importante da minha vida.

Aos meus companheiros de viagem, durante quatro anos dividimos nossos sonhos e expectativas, obrigada pela companhia e pelo apoio.

A todos os professores que estiveram ao meu lado durante a minha vida acadêmica, cada um deles contribuiu de alguma maneira para o meu crescimento, com a sua sabedoria me passaram muito mais que conteúdos, me apresentaram um mundo novo, um mundo cheio de oportunidades e conhecimentos.

Minha especial deferência a minha orientadora, que esteve ao meu lado no estágio e agora no TCC, Dr^a Vera Lúcia Cardoso Medeiros, esse trabalho só foi possível porque a senhora acreditou no meu potencial.

“A ilusão é tão útil como a certeza; e na formação de todo espírito, para que ele seja completo, devem entrar tanto os contos de fadas como os problemas de Euclides”.

Eça de Queirós

RESUMO

A HISTÓRIA E A CULTURA DE CAÇAPAVA DO SUL REPRODUZIDAS EM SUAS LENDAS

O presente trabalho se propõe a apresentar uma análise acerca das lendas da região de Caçapava do Sul- Rio Grande do Sul, tendo por finalidade relacioná-las com a história/origem desta cidade. Através de uma pesquisa bibliográfica coletamos dados que nos revelaram como se deu a formação histórica de Caçapava do Sul e do Estado do Rio Grande do Sul, porque não há como mencionar a origem do município sem remetê-la a do estado. Consideram-se como objetos de análise as seguintes lendas: Lenda da Pedra do Segredo; O cemitério da Barbosa; A Chácara da Queimada; Lenda do Cerro do Queima Chapéu; Lenda da Lagoa Comprida; Lenda do Passo dos Enforcados. Esta pesquisa se justifica pelo fato de existirem muitas lendas no município. E, todas, de alguma forma, aludem a determinados momentos históricos da região. As referidas lendas são narrativas que mesclam ficção e fatos históricos. Neste caso específico é possível verificar que alguns fatos ocorreram e são descritos na nossa história. Segundo Câmara Cascudo (2006), as lendas são narrativas que são utilizadas pelo povo para ressuscitar seu passado, mas não tem compromisso com a veracidade histórica. Cabe salientar que essas narrativas agregaram informações à cultura do povo que aqui viveu. Isso ainda se reflete nos dias atuais, influenciando nos padrões de comportamento, que se revelam por meio de crenças, tradições, hábitos, linguajar, entre outros. Essa cultura que foi herdada dos colonizadores e dos índios, além de definir um povo, lhe configura uma marca e uma identidade.

Palavras-Chave: Lendas; História; Cultura; Caçapava do Sul.

RESUMEN

LA HISTORIA Y LA CULTURA DE CAÇAPAVA DO SUL REPRODUZIDAS EN SUS LEYENDAS

El presente trabajo se propone a presentar un análisis acerca de las leyendas de la región de Caçapava do Sul- Rio Grande do Sul, con la finalidad de relacionarlas con la historia/origen de la ciudad. Por medio de una investigación bibliográfica recolectamos los datos que presentaran la formación histórica de Caçapava do Sul y de la provincia de Rio Grande do Sul, porque no hay como mencionar el origen del municipio sin remeterlo a de la provincia. Se considera como objetos de análisis las siguientes leyendas: Lenda da Pedra do Segredo; O cemitério da Barbosa; A Chácara da Queimada; Lenda do Cerro do Queima Chapéu; Lenda da Lagoa Comprida; Lenda do passo dos Enforcados. Esta investigación se justifica por el hecho de que existen muchas leyendas en el municipio. Y, todas, de alguna manera, aluden a determinados momentos históricos de la región. Las referidas leyendas son narrativas que mezclan ficción con hechos históricos. En este caso específico es posible verificar que algunos de los hechos ocurrieron y son descritos en nuestra historia. Según Câmara Cascudo (2006), las leyendas son narrativas utilizadas por el pueblo para resucitar su pasado, pero sin compromiso con la veracidad histórica. Cabe destacar que esas narrativas añadieron informaciones a la cultura del pueblo que aquí vivió. Eso, aún se refleja en los días actuales, influyendo en los padrones de comportamiento, que se revelan por medio de creencias, tradiciones, costumbres, lenguaje, entre otros. Esa cultura heredada de los colonizadores y de los indios, además de definir un pueblo, le configura una marca y una identidad.

Palabras Clave: Leyendas; Historia; Identidad; Caçapava do Sul.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FORMAÇÃO HISTÓRICA DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO	9
2.1 Início da transformação na Província	12
2.2 Ideais Revolucionários e um Sonho Farroupilha	15
2.2 Origem de Caçapava do Sul	17
3. CONCEITUANDO CULTURAS E LENDAS.....	21
3.1 Lendas do fantástico ao histórico.....	23
3.1 Lendas e suas especificidades narrativas.....	25
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS LENDAS DE CAÇAPAVA DO SUL	28
A Lenda da Pedra do Segredo	28
A lenda da Chácara Queimada	30
A lenda do Passo dos enforcados.....	32
A lenda do Cerro do Queima Chapéu	34
A Lenda do Cemitério da Barbosa.....	35
A lenda da Lagoa Comprida.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	42

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa busca analisar as lendas de Caçapava do Sul que se encontram nas seguintes obras: Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul de Antonio Augusto Fagundes (2009), Estórias e Lendas de Caçapava do Sul de Alcy Cheuiche (2002) e História do Município de Caçapava do Sul de Nicolau da Silveira Abrão (1992). O nosso objetivo foi identificar os fatos históricos que são associados a estas lendas e relacioná-los com a História da formação do município, nos apoiando em três eixos de pesquisa: História, Literatura, Cultura.

O tema do nosso trabalho está centrado na correlação que as lendas têm com a História do município; devido a isso se faz necessária uma pesquisa bibliográfica referente aos dados históricos da cidade e também do estado do Rio Grande do Sul. Além disso, quando falamos em lendas, somos remetidos a narrativas que se originaram da literatura oral que, segundo (AZEVEDO, 2008, p. 183), embora passadas à versão escrita, conservam marcas da narrativa oral, pois podemos perceber “certas características do discurso falado e pressupõe sempre uma voz que narra e um ouvinte”.

E, por fim, as lendas são parte da cultura do povo da região, são consideradas parte da cultura que vem do povo iletrado que se utiliza de estórias fantásticas para descrever fatos que ocorreram em determinados locais e que, sem intenção, terminam propagando fatos históricos que são mesclados à ficção, transformando as lendas em fontes de expressão cultural e literária.

Esta pesquisa justifica-se, pois, ao estudarmos a história de Caçapava do Sul, que vem descrita nas suas lendas, é possível verificar traços culturais que são herança da mistura de diferentes raças e culturas, (índios, negros e homem branco). A partir disso se formou uma cultura que é revelada através de padrões comportamentais que estão inseridos até hoje no contexto social do povo que habita essa terra.

O presente trabalho está organizado em três capítulos, sendo o primeiro uma apresentação dos fatos históricos que são relevantes a nossa pesquisa. O segundo é composto pelo referencial teórico, no qual está o embasamento teórico que nos permitiu estabelecer analogia entre essas narrativas que vem da tradição oral, e que representam a cultura popular e os fatos históricos acima mencionados. No terceiro capítulo apresentaremos um resumo das lendas e a análise das mesmas de acordo com os dados coletados.

2. FORMAÇÃO HISTÓRICA DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO

Nosso objeto de estudo são as lendas de Caçapava do Sul, porém, não há como falar das lendas sem relacioná-las à História do município e também do estado; a origem do estado está atrelada a muitas batalhas e Caçapava foi um palco importante para essas batalhas, que são motivo de orgulho e honra de todo o povo gaúcho. Ainda, esses períodos históricos são marcados por transformações políticas, econômicas e culturais que foram se delineando ao longo dos séculos.

Para contar essa história nos deteremos nos períodos que marcam o início das reduções jesuíticas com a chegada dos padres espanhóis e a assinatura dos tratados de Madrid (1750), Santo Ildefonso (1777) e Revolução Farroupilha (1835), que são mencionados ou tem relevância na nossa pesquisa, pois fazem parte dos temas das lendas e da História de Caçapava do Sul.

O território sul-rio-grandense foi incorporado ao Brasil colonial tardiamente, contudo, antes de ser disputado por espanhóis e portugueses, esse território pertencia aos índios Tupis-Guaranis. Segundo explicitado pelo historiador Barbosa Lessa (2002, p.7), os índios ocupavam todo o território.

Na arenosa planície do Litoral, os índios carijós pescavam, coletavam mariscos, comiam, depois amontoavam conchas, espinhas e outros restos em sambaquis. Nos campos de Cima da Serra, os ibiraíaras coletavam raízes, frutos, e no inverno se fartavam de pinhões. Nas emaranhadas matas do Alto Uruguai, os guaianás caçavam com seus arcos e suas flechas. Nas verdes campinas da campanha, onde o arvoredo era escasso, os guenoas derrubavam com boleadeiras de pedra os velozes veados e avestruzes, ou iludiam a fome e a sede mascando broto de ceibo e corticeira. Nômades, não havia o que os fizesse sentar pouso. O domínio das melhores terras- várzeas do Jacuí, margens do Ijuí, médio Uruguai – estava com os guaranis. Esses coletavam as dádivas da natureza, especialmente folhas de erva-mate, que desidratadas e trituradas, resultavam numa bebida tônica preventiva do cansaço; mas eram principalmente, agricultores.

Conforme a historiadora Pesavento (1997, p.7) essa terra que era povoada pelos índios foi descoberta em decorrência das primeiras expedições litorâneas de exploração do comércio de pau-brasil que começaram no início do séc. XVI, contudo, mesmo sendo conhecido o território permaneceu inexplorado por mais de um século, a região era chamada pelo nome de Rio Grande de São Pedro.

Segundo Barbosa Lessa, tal nome surgiu a partir das tentativas de portugueses e espanhóis de entrarem em solo gaúcho via Lagoa dos Patos, a fúria das águas da Lagoa amedrontava os exploradores; para os espanhóis a Lagoa era um rio, rio grande, e, os portugueses a chamavam de São Pedro. Na cartografia antiga estão registrados os dois nomes, além de ser escritos separados, também aparecem juntos- São Pedro do Rio Grande/ Rio Grande de São Pedro, porém não era uma região que interessasse a nenhuma das coroas, pois nesse período exploravam-se riquezas minerais e a produção de açúcar nos engenhos.

Para a historiadora Sandra Pesavento (1997, p.8), os primeiros a adentrarem ao estado foram os padres jesuítas da Companhia de Jesus; buscaram este território porque haviam empreendido fuga, fugiam dos bandeirantes paulistas, pois estes vinham atrás de índios com o intuito de escravizá-los nas zonas açucareiras. Os padres traziam consigo os índios que já viviam nas reduções que se localizavam nas regiões de Itatins e Guairá, à margem esquerda do rio Paraná em território castelhano.

Essa busca ao índio se deu porque, durante o período do domínio espanhol¹ (1580-1640), os holandeses ocuparam o nordeste brasileiro e também dominaram algumas zonas da África que eram fornecedoras de mão-de-obra escrava; isso fez com que a região brasileira que não era dominada pelos holandeses sofresse com a falta de mão-de-obra.

Diante da necessidade de escravos, os índios catequizados se tornavam boas opções, pois de certa forma já estavam adestrados pelos padres e sabiam trabalhar; portanto, os

¹ Em 1578, o rei de Portugal, D. Sebastião, morreu na batalha de Alcácer-Quibir, contra os árabes, no norte da África. Criou-se um problema dinástico no país, pois o rei não possuía nenhum descendente para substituí-lo. Inicialmente o trono foi ocupado pelo seu tio-avô, o cardeal D. Henrique. Mas, com a morte deste em 1580, o problema continuou. Felipe II, rei da Espanha, apresentou-se como candidato legítimo ao trono português, pois era neto do antigo rei de Portugal D. Manuel I, o Venturoso (sua mãe, D. Isabel, era filha de D. Manuel). Houve uma forte reação dos nacionalistas portugueses, porém, tropas espanholas invadiram Portugal, obtendo uma série de vitórias, e, no ano seguinte, houve a legalização do governo de Felipe II nas cortes de Tomar. Entre 1580 e 1640 houve a União das Coroas Ibéricas, período em que Portugal foi governado pelos reis de Habsburgo. Em 1640, aproveitando-se de uma crise no governo espanhol, Portugal reagiu ao domínio estrangeiro. A rebelião da Restauração saiu da vitoriosa e, em 1640, o duque de Bragança foi aclamado rei de Portugal como D. João IV, iniciando-se assim, a dinastia de Bragança. (QUEVEDO, 2003, p.21)

bandeirantes começaram a atacar as reduções que se localizavam no Paraná e no Paraguai, os padres fugiram em direção ao extremo sul, chegaram ao solo gaúcho e criaram reduções na chamada zona de Tape; essas reduções eram de origem castelhana. Porém no território também já se encontravam algumas reduções jesuítas portuguesas, entretanto se localizavam mais ao litoral. Essas reduções portuguesas não resistiram por muito tempo, o que se propagou foi às reduções de bandeira espanhola, até porque grande parte do território estava sob o jugo da coroa espanhola.

No entanto, não tardaram novos ataques bandeirantes, eles alcançaram as reduções que estavam instaladas em território gaúcho; e os padres sofreram novo golpe nas reduções, e por volta de 1640 ocorreu o combate final, que teve por consequência o fim das reduções e a captura dos índios para o trabalho escravo.

Com os frequentes ataques às reduções e o grande aprisionamento de índios, os padres foram obrigados a fugir e abandonaram tudo que já haviam construído: suas plantações e também o gado, esse gado solto pelos campos acabou formando um grande rebanho que ficou conhecido como “Vacaria Del Mar”. (PESAVENTO, 1997, p. 9).

O Rio Grande de São Pedro passou a ser um território mais valorizado a partir do negócio do gado, o grande rebanho despertou o interesse dos portugueses de Sacramento, dos índios das reduções jesuíticas e também de argentinos de St. Fé, Corrientes e Buenos Aires. A permissão para a caça do gado xucro era dada por autoridades espanholas, as quais somente interessavam-se pelo couro que era exportado para a Europa por Buenos Aires ou Sacramento; a carne ainda não era valorizada economicamente.

A partir da exploração do gado da Vacaria del Mar, os padres retornaram ao território, e em 1682 eles fundaram os Sete Povos da Missões, – São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Luís Gonzaga, São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo. Em consequência disso, os padres intensificaram sua economia, constituíram novos rebanhos que ficaram conhecidos como Vacaria dos Pinhais ou Campos de Vacaria. Também deram início à exploração da erva-mate, produto que já era cultivado e apreciado pelos índios. Nas reduções também eram feitos trabalhos de fiação, tecelagem, metalurgia, ofícios, artes, na qual se destaca a arquitetura e a escultura.

A expansão econômica jesuíta logo chamou a atenção das coroas. Os espanhóis e portugueses chegaram a acreditar que a ordem jesuíta estava criando um estado independente,

e acabaram por crer que os padres teriam intenção de fundar um Império Teocrático na América. Diante dessa possível ameaça a supremacia Monárquica, os jesuítas acabaram perdendo sendo expulsos de suas propriedades.

2.1 Início da transformação na Província

No final do século XVIII, o contexto social brasileiro começa a sofrer mudanças que se refletiram na importância do território gaúcho para o Brasil colônia. Esse período foi marcado pela decadência do comércio de açúcar, mas por outro lado, a descoberta das minas de ouro e prata na zona das Gerais fez da mineração uma atividade muito rentável à coroa. Nesse período começaram a descer ao sul lagunistas e paulistas com o objetivo de capturar o gado vacun e muar. Além do interesse pelo gado, a coroa tinha a região como ponto de apoio para a conservação do domínio de parte do território do Prata; assim não tardaram em enviar autoridades para a região.

O primeiro a chegar foi Francisco de Brito Peixoto. Ele tinha a incumbência de fundar povoações; a intenção da coroa era que as terras que ficavam ao sul de São Vicente até Sacramento fossem povoadas, e também garantir que o gado xucro da região não fosse mais comercializado por castelhanos. Essa nova fonte econômica girava em torno do comércio de gado para o corte e também do muar que serviam na condução das riquezas extraídas nas minas até o litoral, para ter acesso aos muares os tropeiros e contrabandistas tinham que adentrar na área platina e isso gerava conflitos com os castelhanos.

A partir do fomento do negócio de gado, alguns tropeiros perceberam que já não deveriam dispor somente do gado xucro, para a manutenção da venda do gado deveriam investir na própria criação. A coroa portuguesa por outro lado considerava conveniente povoar esse território, e por volta de 1730 iniciou o processo de distribuição das primeiras Cartas de Sesmarias². As primeiras terras a serem concedidas foram na região de Tramandaí, Viamão, e um pouco mais ao sul seguindo a rota dos tropeiros. Os estancieiros logo

² Entendia-se por sesmaria um território de três léguas por uma légua, perfazendo um total de 13.068 hectares. (Determinação régia de 07 de dezembro de 1697). (LESSA, 2002, p.49)

começaram a diversificar as atividades, logo apareceram dois novos produtos que ajudaram a fomentar a economia sulina, o trigo e o charque.

Com a assinatura do Tratado de Madri³, Portugal seria dono de todo o território gaúcho, a proposta que fora encaminhada por Alexandre Gusmão, secretário do rei lusitano D. João V, tinha como argumento que para Portugal era mais conveniente ter a posse de um território contínuo.

A assinatura do tratado de Madri resultou numa revolta indígena; os índios que viviam nas reduções não aceitavam entregar suas terras, e durante os anos de (1754-1756) ocorreu a “Guerra Guaranítica”; índios liderados por Sepé Tiaraju lutavam contra soldados das duas coroas, espanhola e portuguesa; essa guerra só teve fim no Combate de Caiboaté (10/02/1756). Além dessa guerra, o tratado deflagrou outros conflitos na área, os estancieiros que haviam ganhado suas terras por conta da distribuição das Sesmarias tinham como obrigação proteger seus campos, muitos deles passaram a ter poder de autoridade militar, poder que fora delegado pela coroa com intuito de garantir que esse território não seria invadido por castelhanos.

Contudo os estancieiros exerciam seu poder em benefício próprio; não foram raras as vezes que entraram em conflito com autoridades militares que estavam a serviço do Rei. Com a importância militar da zona gaúcha, em 1760 a região foi elevada à condição de capitania, a capitania do Rio Grande de São Pedro.

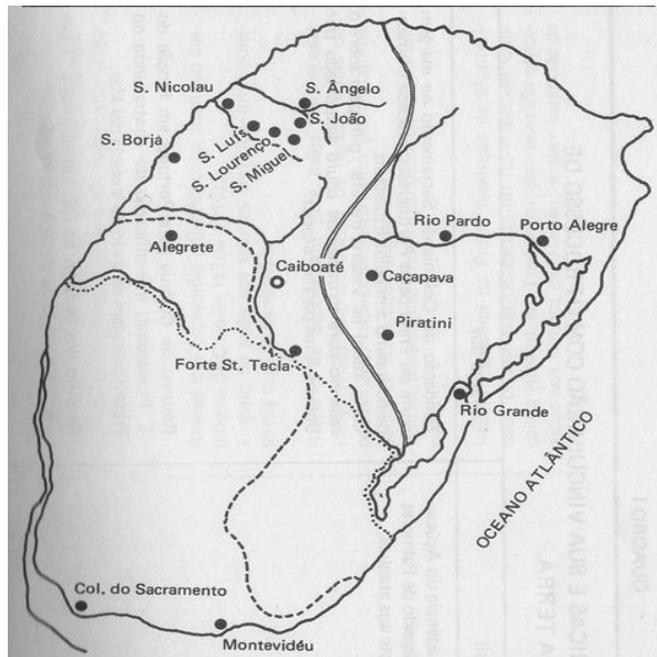
O Tratado de Madri foi anulado em 1761, pelo Tratado de El Pardo e com isso tudo que havia sido acertado entre as coroas ficou invalidado; o Rio Grande de São Pedro foi novamente demarcado. Essa mudança nas fronteiras, as constantes batalhas, e a militarização da sociedade gaúcha criou no seu povo o pensamento de que todo o homem era um soldado em potencial, eles formavam um exército que lutava à parte.

Conforme Barbosa Lessa, (2002, p.84) no dia 1º de outubro de 1777 foi assinado o Tratado de Santo Ildefonso, esse tratado firmou a paz entre Portugal e Espanha. O território

³ O Tratado de Madri foi firmado em janeiro de 1750. No artigo 1º a Espanha obtinha a garantia de seus direitos sobre as Filipinas. Nos demais artigos, traçavam-se as linhas divisórias no Amazonas, no Mato Grosso e no Prata, com a permuta da Colônia do Sacramento pelos sete povos orientais dos trinta povos guaranis e fixando-se o prazo de um ano para a transmigração dos índios. Suplementarmente firmou-se cláusula de mútuo apoio dos exércitos espanhol e português no caso de eventual resistência de terceiros às decisões do Tratado. (LESSA, 2002, p. 57).

também ganhou novas divisas, Portugal perderia a Colônia de Sacramento e parte das missões orientais, o que garantia que não haveria novas revoltas indígenas.

Essa nova divisão do território que se pode observar no mapa que nos traz a historiadora Sandra Pesavento (1997, p.25) não gerou conflitos, pois as missões continuavam sob o domínio da Espanha.



A partir daí seguiu-se um período de paz e expansão econômica da capitania de Rio Grande de São Pedro, que logo foi promovida à capitania geral, já não tinha mais ligações com o Rio de Janeiro e estava subordinada diretamente ao Vice-Rei do Brasil. O enriquecimento dos fazendeiros e o seu poder político fez surgir novos líderes e fomentou sonhos de independência.

Em razão da independência do Brasil (1822), a capitania de São Pedro foi elevada à categoria de Província e já possuía uma população estimada em 106.196 habitantes. A província foi subdividida em quatro comarcas eleitorais: Porto alegre, Rio Pardo, Rio Grande e Missões.

A comarca de Porto Alegre abarcava a vila de Santo Antonio da Patrulha e as freguesias de Nossa Senhora dos anjos (Gravataí), São José do Taquari e Nossa Senhora de Oliveira de Vacaria. A comarca de Rio Pardo abarcava as freguesias de Santo Amaro e Encruzilhada, a vila de Cachoeira a que estão vinculadas as capelas de Caçapava, Santa Maria da Boca do Monte, Bagé, São Gabriel e Alegrete. A comarca de Rio Grande abarcava a vila de São Francisco de Paula (Pelotas), as freguesias de Piratini, canguçu Guarda da lagoa ou Serrito (Jaguarão), Mostardas, Estreito e capelas tais como São José do Norte, Povo Novo, Erval, Arroio Grande e Boqueirão (São Lourenço). A comarca de Missões, com sede em São Borja, abarcava somente uma vila a de São Luis da Leal Bragança. (Lessa, 2002, p. 164)

Os reflexos da independência do Brasil eram percebidos através da instabilidade econômica e política, e, não bastasse a crise econômica outra guerra foi deflagrada, no ano de 1825 a Banda Oriental que, contando com o apoio da Argentina, iniciou um movimento de independência do Brasil. O conflito ficou conhecido como a Guerra da Cisplatina e culminou com a independência do Uruguai no ano de 1828.

A perda do território uruguaio foi um golpe para as charqueadas, elevou a insatisfação de líderes locais, e ainda intensificou os desentendimentos que haviam surgido entre eles e os representantes do imperador. O poder militar e as insatisfações fomentaram o desejo de independência por parte dos gaúchos, isso resultou na Guerra dos Farrapos.

2.2 Ideais Revolucionários e um Sonho Farrroupilha

Em 1832 foi fundado o Partido Farrroupilha (ideologia liberal exaltado), a luta do partido estava centrada na autonomia da província, buscavam essa autonomia em virtude do descontentamento com as medidas adotadas pelo governo imperial, uma delas foi à diminuição dos impostos para exportação de charque uruguaio, essa atitude fez com que a economia gaúcha fosse prejudicada. Os líderes do partido não poupavam críticas ao governo regencial, defendiam o federalismo, isto significava a autonomia e liberdades individuais à província e, também, a abolição do poder moderador e a criação de uma nova carta constitucional. (Quevedo, 2003, p.44)

Em 1835 eclodiu a Revolução Farrroupilha, guerra que duraria dez anos, e tinha como opositores soldados “farrroupilhas” (estancieiros, escravos, comerciantes, militares de baixo

comando) e “caramurus” soldados do império (comerciantes portugueses e militares do alto comando do exército). Algumas justificativas para a revolução seriam as de que o império onerava a província com altos impostos, não fazia os investimentos devidos, enfim, se consideravam explorados pelo império, além do mais, o Rio Grande era relegado à posição de “estalagem do império”, pois aqui os imperiais tinham soldados disponíveis, além de cavalos e alimentos que lhes davam suporte para combaterem em lutas fronteiriças, e por outro lado os gaúchos mandavam seus homens para lutarem a favor do Império e seus campos ficavam abandonados, suas famílias a mercê de qualquer tipo de perigo e por parte do Império não havia o devido reconhecimento, não recebiam qualquer indenização pelos danos sofridos.

De acordo com Quevedo (2003, p. 44), os principais líderes da revolução foram Bento Gonçalves, Onofre Pires, Antônio Sousa Neto, e ainda Giuseppe Garibaldi; o objetivo dos revolucionários era pressionar o governo regencial a nomear outro Presidente para a Província que não fosse Antônio Rodrigues Fernandes Braga, a princípio não intencionavam separar-se do império, porém no 11 de setembro de 1836, Antonio Souza Neto proclamou a República Rio-Grandense, no campos do Seival, onde atualmente é a cidade de Bagé, assim o Rio Grande se tornava um território autônomo, Bento Gonçalves foi escolhido presidente, Piratini foi a primeira capital, e após isso a sede do governo ainda foi instalada em Caçapava do Sul e em Alegrete.

Os revolucionários buscavam uma autonomia política, porém queriam manter vínculos econômicos com o império, pois não desejavam e não podiam perder esse mercado consumidor do charque que era produzido na Província; em seus intentos também estão descritos o fato de que propunham às demais províncias que adotassem o mesmo sistema de governo. Se assim o conseguissem manteriam seus mercados consumidores, e ainda portos de escoamento da produção. Porém não obtiveram sucesso e só conseguiam exportar seus produtos por meio do Prata, onde haviam estabelecido relações comerciais com a Banda Oriental, e compravam munições e cavalos. Entre os anos de 1840-42 começou o declínio farroupilha, e diante do oferecimento por parte do império de uma anistia geral, os líderes farroupilhas assinaram o tratado de “Paz de Ponche verde” em 28 de fevereiro de 1845. (PESAVENTO, 2002, p. 39)

Conforme Pesavento (2002, P.39), este acordo de paz foi rentável para ambos os lados, o Império temia pelos conflitos que se estavam erguendo na Argentina e no Uruguai, por isso o território gaúcho deveria voltar aos domínios do império, pois em caso de alguma

tropa inimiga tentar avançar ao território brasileiro, através da fronteira, os soldados gaúchos a protegeriam. E os gaúchos por sua vez se beneficiariam, pois conseguiram o aumento da taxa de importação do charque, as dívidas da província seriam pagas pelo império, escolheram o novo presidente, e, além disso, os farrapos que lutaram na revolução foram remanejados ao exército ocupando as mesmas patentes que ocupavam no exército farrapo. O que ficou evidente, no entanto, foi a mostra de força que a Província do Rio Grande de São Pedro detinha através de seu poder militar.

2.2 Origem de Caçapava do Sul

Caçapava do Sul é um município de muitas histórias, seu nome tem origem indígena, “CAA-ÇA-PAABA” nome que vem do Tupi-Guarani, segundo alguns indigenistas, se traduzido à nossa língua significaria **Clareira Na Mata**. Os índios que habitavam a região de Caçapava eram os índios Charruas, esses índios assim como todos que viviam no território de Rio Grande de São Pedro, eram livres, viviam da terra, da caça, das plantas, conheciam as plantas que curavam e que envenenavam, tinham seus costumes, crenças, fabricavam suas próprias armas de guerra, e as primeiras batalhas que essas terras testemunharam foram entre Charruas e Minuanos. (ABRÃO, 1992, p.13)

Com a chegada das reduções esses índios que viviam livres no território gaúcho passaram a viver em comunidade, nessas reduções os padres realizavam um processo “civilizatório”. Eles aprenderam a língua, a religião e os ofícios do branco, se habituaram à vida que lhes era imposta pelos padres, e as reduções acabaram sendo grandes redutos indígenas. Contudo, a partir da chegada dos padres eles já não eram donos do seu território e nem dos seus costumes, seu trabalho era convertido em ganhos para as reduções, e conseqüentemente para a coroa e para a igreja católica.

Após o período das reduções esse território ficou por um longo tempo abandonado, e acabou por ser conhecido como uma “terra de ninguém”⁴. Era uma faixa que ficava entre os domínios das duas coroas, a única coisa que prosperava por esses campos era o gado, que foi abandonado pelas reduções jesuíticas.

⁴ Uma faixa que compreendia o território entre Jacuí (na época chamado Gauíba) e o Camaquã. Atualmente nesse território se localizam diversos municípios, entre os quais Caçapava do Sul. (ABRÃO, 1992, p. 15)

Por volta da metade do século XVIII, passou a ser um acampamento militar. Um regimento de Dragões do Rio Pardo fazia observações na fronteira e encontraram uma região com pontos altos que se desenhavam como pontos estratégicos de observações, ou seja seria uma fortaleza natural. Aqui também viviam alguns índios guaranis que chamavam esta terra de Clareira na Mata. (PIMENTEL, 1942, p.11)

Mesmo sendo por algum tempo acampamento militar, a região de Caçapava só começou a ser povoada a partir da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso (1777), isso porque o território de Caçapava passou aos domínios de Portugal e com isso se intensificou a preta ao gado xucro. Com o fomento do negócio de gado, Caçapava acabou sendo um ponto de parada para tropeiros, surgia a “PARRAGEM OU POVO DE CASSAPAVA”. Esse era um, entre tantos pontos de parada dos tropeiros, aqui eles paravam para descansar e restaurar as forças das tropas que eram constituídas em média por quinhentas cabeças de gado vacum, muar, cavalar; depois do descanso seguiam viagem que duraria de três a quatro dias até os mercados de Laguna e Sorocaba. (ABRÃO, 1992, p.16)

Enquanto surgiam os primeiros povoados no Rio Grande do Sul, em Caçapava eram erguidos os primeiros ranchos que serviam de abrigos para tropeiros e para outros que por ali viessem a passar, e mais ranchos foram surgindo, depois uma venda, uma capelinha, e pouco a pouco se formou um povoado, também havia um cemitério e um moinho, as casas da época eram feitas com paredes de pedras ou de barro “pau-a-pique, atado com tiras de couro cru” (ABRÃO, 1992, p. 18).

O povoado foi elevado à categoria de Vila em 1831, faz-se a resolução da Assembleia geral Legislativa “Art. 1º- Ficção creadas as Vilas nestes quatro lugares. Triunfo, S. José do Norte, Caçapava e Alegrete, com as denominações, porque já são conhecidos tais lugares.” (PIMENTEL, 1942, p.21).

Ainda segundo Pimentel, no dia 24 de janeiro de 1839 Caçapava se tornava a segunda capital Farroupilha; nesse dia Caçapava se tornava a capital da República Rio-grandense; devido a sua importância estratégico-militar os farrapos não hesitaram em transferir a sede da República de Piratini para Caçapava.

A transferência se deu em grande parte porque Caçapava tinha uma posição geográfica estratégica, se localiza praticamente no centro do estado, além do mais o terreno acidentado faziam da vila um ponto excelente e propício a abrigar a sede do governo; em 06 março de

1839, o Jornal O POVO⁵ - órgão oficial de publicidade do governo republicano- divulgava os eventos que ocorreriam na mais nova Capital Farroupilha.

A vila abrigou a sede do governo por pouco mais de um ano, em 22 de março de 1840 forças imperialistas invadiam a capital, isso obrigou os líderes da revolução a mudar-se para Alegrete.

Caçapava havia perdido o posto de Capital, porém sua gente ainda veria a Vila em evidência, isso porque o Imperador Dom Pedro II, após uma exaustiva viagem pelos campos, matas e planícies, chegou a Caçapava e permaneceu aqui por 13 dias. Em 22 de agosto de 1865, a cidade enfeitou-se, a população saiu às ruas ao som do Hino Nacional, foguetes e vivas para prestar honras à sua Majestade.

De acordo com decreto, em nove de dezembro de 1885 por força da Lei nº 1535 a Vila é elevada à categoria de cidade.

O decreto foi assinado pelo desembargador Henrique Pereira de Lucena, Cavaleiro da Ordem de Christo, Commendador da Imperial Ordem da Rosa.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte.

Art. 1º. – Fica elevada à categoria de cidade a villa de Caçapava.

Art. 2º. – Revogam-se as disposições em contrário. (PIMENTEL, 1942, p. 22)

A economia do município destacou-se na área pecuária e mineral, sendo importante polo na produção de gado, e na área da mineração a extração do bronze elevou o nome do

⁵ O Povo, órgão oficial do govêrno farroupilha, em seu nº 46, de 6 de março de 1839, noticiando as festas havidas por ocasião da mudança da capital da República de Piratini para Caçapava, em 14 de fevereiro de 1839, publica o seguinte: “ Domingo, depois das cerimônias na Câmara Municipal, todos se dirigiram a ouvir a Missa e o Te Deum em ação de graças ao Altíssimo pelo muito que protege a causa Rio Grandense. Orou a Missa o Reverendíssimo Padre Vigário da Vara, Fidêncio José Ortiz da Silva, servindo de alcólito o Ver. Padre Antonio Homero de Oliveira, e o Snr. Mendanha a rendeu mais devota comuna melodia tão penetrante e religiosa que nosso coração cheio de fé e arrebatado em um êxtase celestial, se lançava no futuro e via o cumprimento da vontade de Deus: A nossa pátria livre, grande e poderosa”... “À noite houve iluminação e a música tocou por muitas vezes o hino nacional” (PIMENTEL, 1942, p.15)

município, a exploração do minério nas Minas do Camaquã começou no início do século XIX, o decreto de concessão de exploração das minas saiu em 29 de Abril de 1901, e estava em nome de uma empresa de Bruxelas. A jazida de cobre das minas era tão significativa que foi cogitada a construção de uma estrada de ferro que ligaria as minas a cidade de Cachoeira do Sul, o objetivo era melhorar o escoamento da produção. (PIMENTEL, 1942 p.60-61)

A história do município está entrelaçada com a do estado, história que por ser de grande importância é retrada nas suas lendas. Caçapava assim se desenvolveu cercada por coxilhas e vales, foi aldeia indígena, acampamento militar, capital farroupilha e sua biografia também está marcada pela sua riqueza mineral; tudo isso fornece subsídios para essas narrativas que relatam aspectos referentes à vida desse povo; as lendas são um acervo narrativo que fazem parte do patrimônio cultural do município.

3. CONCEITUANDO CULTURAS E LENDAS

Segundo a antropóloga e pesquisadora Maria Laura Cavalcanti (2008, p. 21), a palavra folclore provém do neologismo inglês folk-lore (saber do povo), que significa “antiguidades populares” ou “literatura popular”. Em sentido amplo esse “saber do povo” engloba criações culturais que são oriundas de um grupo ou sociedade, essa ideia de “folclore” muda através dos tempos. Houve um tempo em que o termo estava relacionado à literatura oral, depois o campo se ampliou, e hoje folclore engloba as diferentes manifestações culturais de um povo.

A cultura retrata o íntimo de um povo, o termo “cultura” pode ser classificado a partir de diferentes conceitos, podendo ser uma: “cultura civilizada, cultura primitiva”, “cultura ocidental, cultura oriental”, “cultura moderna, cultura arcaica”, “cultura erudita, cultura popular ou cultura inculta”, etc. (BRANDÃO, 2008, p.35).

Ainda segundo Brandão (2008, p. 31), “a cultura está contida em tudo e está entretecida com tudo aquilo em que nos transformamos ao criarmos as nossas formas próprias – simbólicas e reflexivas- de convivermos uns com os outros, em e entre as nossas vidas”.

Além disso, segundo Eleonora Gabriel, (2008, p.76) “nós somos agentes de cultura, cada um de nós carrega uma história cheia de histórias” e saberes, essas histórias e saberes são o que nos distingue no nosso meio social e nos difere de outras sociedades, isso é chamado de identidade cultural, uma identidade que é formada a partir das culturas “étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, e, sobretudo nacionais”. No entanto, essa identidade está se perdendo. Hoje segundo a autora vivemos num “supermercado cultural da aldeia global”, temos acesso a todas as culturas, mas estamos testemunhando uma homogeneização cultural que pode ser perigosa, muitas tradições estão se perdendo, as sociedades ricas culturalmente, mas pobres intelectualmente são facilmente invadidas pela cultura do rico, isso deturpa sua identidade e se reflete sobre a noção que um ser tem de si mesmo.

Por isso não podemos desmerecer qualquer tipo de manifestação cultural, todas são importantes, pois são vidas que se revelam e são regidas por uma esfera social que vem representada por uma cultura. “A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos” (BRANDÃO 2008, p. 31).

E quando falamos em cultura logo pensamos nas diversas formas e manifestações culturais, sejam elas expressadas através da arte, da arquitetura, dos livros, das músicas, rituais religiosos, das danças, da própria língua, pois muitos povos preservam seus dialetos, justamente para se diferenciarem de outros grupos. Todas essas manifestações são expressão de um bem que deve ser preservado, pois só assim o homem pode se autodefinir como um ser que pertence a determinado grupo ou sociedade.

A cultura de um grupo social pode ser compreendida pelas suas memórias, sua arte, suas crenças, seus valores morais, sua história; isso forma uma teia complexa que revela as origens de um grupo, seu nível de desenvolvimento. Cada cultura apresenta a suas peculiaridades, isso não significa que uma seja melhor que a outra. Do mesmo modo que verificamos um processo de massificação cultural, alguns lugares estão resgatando suas memórias, memórias de uma cultura popular que precisa ser preservada e valorizada.

A cultura popular compreende não só as manifestações representadas pelas tradições festivas e/ou religiosas, mas sim se refere a um conjunto amplo de manifestações que caracterizam e denotam uma identidade e expressam valores sociais e morais de um determinado povo. Essa cultura é considerada “basicamente uma cultura iletrada, que corresponde aos valores materiais e simbólico do homem rústico, sertanejo (BOSI 2009, p.309)”.

No entanto, a cultura popular não é valorizada, visto que, frequentemente escutamos a expressão “esse homem não tem cultura nenhuma ou essa é uma gente sem cultura” (BRANDÃO 2008, p.33). Outro equívoco é conceber que a cultura – legítima é aquela que advém das camadas mais cultas ou dos meios acadêmicos. Nenhuma cultura é melhor ou mais rica que a outra, não é correto desqualificar um tipo de cultura e exaltar a outra. Já estamos vivenciando em alguns povos, considerados “mais civilizados”, que, há uma preocupação em resgatar e valorizar essa cultura tida como “inferior” basicamente transmitida pelas memórias, histórias antigas e tradições populares.

Manter viva a memória de um povo significa manter viva a memória coletiva; isso nos remete há outro tempo nos faz sentir parte de um determinado lugar, essa memória se mantém através das festas populares, das manifestações religiosas, artísticas e literárias, que eram representadas por meio das histórias populares que eram contadas, disseminadas através da oralidade. O homem transmitia seus conhecimentos através da palavra, e, conseqüentemente produzia literatura.

Agora a maior boniteza é que através da literatura o homem se comunica, se anuncia, deixando sinais de que ali esteve. São marcas, pegadas, trilhas, caminhos e estradas que vão sendo abertas através de um movimento circular de produção de conhecimentos que, desde os saudosos tempos de Mário de Andrade, chamamos de bens culturais: dizeres, saberes, que promovem todo um conjunto de discursos que, incorporados ao dia-a-dia de uma comunidade, organizam e elaboram os mitos, as lendas, as histórias, brincadeiras, as crenças, os valores e os conceitos que configuram a identidade de um determinado grupo social, ou seja, é na literatura que encontramos todos os sentidos humanos. A isso denominamos cultura. E é através da cultura que nos conhecemos, conhecemos o outro e formamos nossa identidade, pessoal e coletiva, criando raízes. (SILVA, 2008, p.40)

Essas histórias são oriundas da literatura oral porque podem ser pensadas como uma literatura feita pelo e para o povo; é um estilo literário que reúne manifestações criadas e recriadas pelo povo e que são mantidas pela tradição. Esse estilo é geralmente repassado em rodas de conversa, preferencialmente à noite, não inclui apenas o “entretenimento, o folguedo, infantil e adulto, mas expressam também o culto religioso e isso resulta em sincretismos e aculturações que se misturam com fantasia”. (CASCUDO, 2006, p.27)

3.1 Lendas do fantástico ao histórico

Conforme Nelly Novaes Coelho (2000, p.16) essa literatura se originou nos primórdios da humanidade, em um tempo onde a fantasia e a magia eram utilizadas para explicar determinados fenômenos da vida natural, fenômenos que por muitas vezes pareciam não possuir uma elucidação lógica, logo essas explicações se tornavam narrativas que eram transmitidas por meio da oralidade. Assim de maneira involuntária os homens criaram a primeira literatura; que ficou conhecida como mitos, lendas, sagas, cantos rituais, contos maravilhosos, etc.

Essas narrativas de caráter breve são consideradas uma literatura infantil, porém ela que surgiu destinada ao público adulto, ou seja, se estruturava sob a perspectiva de uma

literatura popular, porque buscava passar, determinados valores e comportamentos que deveriam ser seguidos por uma comunidade.

Muitas vezes as lendas são confundidas com os mitos, pois existem certas semelhanças entre essas narrativas; conforme explicação dada pelo historiador Fagundes, (2009, p.10) “o mito é universal, a lenda é local e se localiza no tempo obrigatoriamente”, e por ser um texto com essa característica pode não despertar o interesse de outros grupos, no entanto são textos que são compostos por temas globais, falam da vida humana, das suas superstições, crenças religiosas, também revelam acontecimentos que estão fundamentalmente ligados à origem do município de Caçapava, também descrevem episódios de batalhas que aqui foram travadas, e por isso a morte passa a ser um tema recorrente.

Lenda é uma palavra de origem latina (*legenda, legere = ler*) que designa uma forma narrativa breve que pode estruturar-se em prosa ou em verso, cujo argumento é tirado da tradição. Geralmente são histórias que apresentam acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro, são conservadas pela tradição oral e estão ligadas a determinado espaço geográfico. (COELHO, 2000, p.172)

Segundo Câmara Cascudo (2006, p. 52) “a Lenda é um elemento de fixação, define um valor local, explica um hábito ou uma romaria religiosa”, e também conserva elementos como a antiguidade, persistência, anonimato, oralidade. As lendas também podem ser classificadas como contos populares, pois revelam “informações históricas, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual.”.

Através destes pequenos textos, podemos conhecer características que são definidoras de hábitos ou crenças de um determinado grupo. Geralmente mesclam realidade e ficção, pois as lendas trazem como tema histórias que se utilizam de fatos históricos que são passados de geração em geração por contadores. Através dessas histórias o povo ressuscita seu passado, revive passagens que são motivo de orgulho para sua gente, e assim vai perpetuando a sua cultura.

De origem anônima, são narrativas que vão se perpetuando e se modificando através da oralidade. Nos estudos sobre lendas de Bertrand Bergeron, o autor nos traz a seguinte definição:

A relação oral (pontual e temporal), livre (da qual nem as palavras, nem a informação a priori pertencem à tradição), feita por um narrador (ele pode ser uma testemunha direta ou um elo de corrente de uma rede de transmissão) deficiente (não possui todos os dados do que ele conta) e não especializado (cada um pode se fazer vetor de uma lenda), de um acontecimento (isto é, de um fenômeno fundador) localizado (inscrito na geografia), personalizado (em relação a seres históricos como oposição a seres míticos), ancorado no tempo (pode ser encontrado no tempo cronológico, sempre em oposição ao tempo não histórico do mito e do conto), aos temas unificados (dos quais a coesão narrativa é forte), relevante do sobrenatural modal (sobressaindo ao domínio do crer seguindo a modalidade do fazer acreditar) o que faz da lenda um relato de crença requerendo a cumplicidade formal de um auditor que a concluirá por sua própria convicção. Uma tal definição faz de toda lenda oral uma reminiscência verbal de um acontecimento a jamais inacessível. (BERGERON, 1988, p. 76 apud DION, 2008, P.3)

3.1 Lendas e suas especificidades narrativas

Segundo Silva (2008, p. 41), a produção oral se desvela em nossa prática diária em um gigantesco mundo. Enunciados de gêneros textuais, que vão desde as histórias contadas, cantadas ou lidas a uma infinidade riquíssima de brincadeiras linguísticas, estamos naturalmente inseridos num mundo repleto de histórias; ora somos narradores, ora somos ouvintes, todos nós somos capazes de produzir narrativas de diferentes gêneros, o nosso viver em sociedade nos propicia isso, somos contadores de história no nosso dia-a-dia.

Contudo, para que sejamos compreendidos essa “brincadeira linguística” deve vir estruturada; uma narrativa se apoia sobre cinco elementos, ou seja, para existir uma história, teremos que ter fatos/enredo, personagens, tempo, lugar e um narrador. (Gancho 2006, p.11)

Já para Coelho (2000, p. 67), a composição de uma narrativa se apoia em dez fatores, que em muito se parecem com os explicitados por Gancho, porém além de citar os cinco já existentes, também temos a efabulação que nos permite analisar a sequência dos fatos/situações; o gênero narrativo (conto, novela, romance); foco narrativo; linguagem ou discurso narrativo; leitor ou ouvinte.

Além disso, para que uma narrativa desperte o interesse do leitor ou do ouvinte, ela deve despertar a empatia; isso é despertado através da “verossimilhança”, termo utilizado por

Aristóteles para referir-se à “ilusão de verdade” de uma história, ou seja, uma obra de ficção deve ser absorvida pelo leitor/ouvinte como algo verdadeiro.

As narrações orais podem ser os contos populares (contos de fadas, contos maravilhosos ou de encantamento). Além desses, ainda podemos citar os mitos e as lendas que “são típicas expressões da cultura oral, porque são passados de narrador para narrador, e se conservam guardados através dos séculos, na plasticidade da memória e da voz, viajaram para todos os lados sendo disseminados pela transmissão de boca em boca”. (AZEVEDO 2008, p. 180)

Histórias que são facilmente transmitidos de boca em boca segundo Coelho (2000, p. 164), são classificados como “Formas Simples” de Jolles (1930), além de lendas e mitos, também são formas simples, os contos, fábulas, apólogos, parábolas, alegorias, saga, contos de fada, conto exemplar, conto jocoso, etc., é considerado formas simples porque derivaram da “criação espontânea” não elaborada, e são marcados pela simplicidade e autenticidade de vivência que são naturais desse tipo de narrativa. Além disso, essas narrativas são uma herança folclórica que nos conduz as nossas origens, que advém do europeu, índio e do negro.

As lendas são narrativas que exploram valores morais de uma comunidade e tanto podem referir-se a exemplos que devem ser seguidos, determinando padrões de comportamento, assim como ressaltar maus-exemplos e comportamentos que devem ser evitados.

As lendas podem ser rotuladas como “textos noturnos”, porque geralmente os contadores dessas histórias as contam à noite. Conforme Câmara Cascudo (2006, p. 249) esse horário é o mais apropriado, pois se trata de um momento de lazer e também pelo ambiente que se cria, “é indispensável uma atmosfera de tranquilidade e sossego espiritual para evocação e atenção do auditório”. Segundo o autor existem muitas crenças que indicam que contar essas histórias de dia pode trazer má-sorte ou desgraças; uma delas, de origem irlandesa, diz que se essas histórias forem contadas de dia, os contadores sofrerão com a infelicidade.

As estruturas que marcam o início das narrativas orais são as típicas frases “era uma vez, diz que era uma vez, certa vez; outra característica que marca essas narrativas é a mudança de enredo, contudo, mesmo sendo textos que tem tradição oral, as lendas não são presas a este tipo de estrutura fixa, os contadores tem a liberdade de começarem a narração da

maneira que lhes for conveniente e isso lhes confere uma característica pessoal, pois dependendo da abordagem do contador de história dependerá o interesse do ouvinte.

Contudo no que se refere à narração, para nosso estudo cabe destacar o conceito trazido por Coelho, (2000, p. 83) “narração é a técnica de quem relata um processo, de quem participa emotivamente daquilo que está contando, porque se sente senhor de todos os segredos e de todo dinamismo da situação em foco.” Quando um narrador conta uma história é o seu nível de envolvimento que vai definir o interesse do leitor; a forma como o narrador irá transmitir os fatos, vai despertar ou não o interesse pela história narrada.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS LENDAS DE CAÇAPAVA DO SUL

As lendas aqui expostas e analisadas expõem uma linearidade na sequência dos fatos, os enredos são diversificados, porém podemos verificar que um tema é recorrente: o tema da morte, o que pode ser considerado um tema característico das lendas, primeiro porque essas narrativas geralmente são contadas à noite, em rodas de conversa à beira do fogo; diante desse cenário, são originadas a partir de argumentos que são utilizados para despertar medo no ouvinte. O aparecimento de assombração, passagens sobrenaturais que se referem a acontecimentos locais geram uma identificação com a história; O foco narrativo está embasado no “memorialista” porque o narrador descreve fatos que estão guardados na memória e por serem repetidos através dos tempos podem sofrer alguma alteração em alguns detalhes que podem ser exaltados ou suprimidos, contudo o tema principal se mantém.

A Lenda da Pedra do Segredo

Essa lenda teceu-se a partir de supostos tesouros jesuítas, esse fato ocorreu acredita-se que foi lá pelo ano de 1756, numa das passagens dos índios e dos padres jesuítas por essas terras. Foi durante a Guerra Guaranítica, os padres passaram pelo Rincão das Pedras Grandes, e os índios aconselharam os padres a esconder o tesouro que carregavam no interior de uma das pedras do rincão, esta pedra ficou conhecida como Pedra do Segredo.

Acredita-se que dentro de uma das grutas da pedra o tesouro está escondido até os dias de hoje, e ninguém voltou para recuperá-lo porque os índios que sabiam o local exato do esconderijo morreram no combate Caiboaté (10 de fevereiro de 1756) e os padres foram mandados de volta à Europa.

Segundo a crença popular, os índios estão lá de sentinelas, quem passar pela região da pedra à noite poderá ver fantasmas fosforescentes de arco e flecha na mão resguardando o tesouro.

Há ainda, a crença de que não é possível encontrar o tesouro porque onde ele está guardado ninguém consegue chegar com qualquer tipo de luz, antigamente as pessoas entravam na gruta com velas, e as mesmas se apagavam na metade do caminho.

Um das primeiras considerações a ser feita está relacionada à liberdade que temos ao narrar um texto desses que “não tem dono”, permitindo enfatizar que a lenda não tem um autor, porém tem dono, quem é dono desses textos é o povo, ele é responsável por perpetuar essas narrativas que passam de geração em geração, e cada um tem a liberdade de contá-la como quiser. A questão do anonimato é verdadeira, porém como a lenda é um texto que descreve um acontecimento local, ou seja, está ligada a uma região, ela expõe a cultura do seu povo, assim ela pertence a todos.

A lenda da Pedra do Segredo cita fatos históricos.

No primeiro capítulo deste trabalho citamos o Tratado de Madri, este tratado foi assinado em 1750, e conforme já explicitado, a assinatura desse Tratado ocasionou uma revolta indígena, os índios não aceitavam a nova divisão geográfica estabelecida pelas duas coroas, a partir dessa nova divisão eles perderiam as missões dos sete povos, toda a região passaria aos domínios de Portugal, diante disso instaurou-se mais um conflito no território gaúcho.

Diante de mais um conflito, os padres jesuítas fugiram das reduções e levaram consigo o que puderam, dentre esses pertences se encontravam tesouros, objetos de ouro e prata, e conforme a lenda, os padres passaram por Caçapava e deixaram aqui parte do tesouro, acredita-se que por indicação de caciques, eles o esconderam em uma das pedras que faz parte do lugar conhecido pelo nome de “Rincão das Pedras Grandes”, essas pedras guardam em seu interior muitas grutas, e ainda hoje são quase inexploradas.

Segundo a crença popular esse tesouro estaria escondido em uma das grutas, que se localiza aos pés da pedra, que é conhecida por todos como Pedra do Segredo, a gruta tem uma entrada muito estreita, e conforme dizem passar por ela é quase impossível, quem tenta passar pela gruta em busca do tesouro nunca consegue chegar ao final, pois ao longo da passagem, o oxigênio vai diminuindo, essa é uma explicação lógica para o fato de ninguém conseguir iluminar o local com luz de velas e também não é possível visualizar nada, mesmo, com lanternas. Outros acreditam que sejam os espíritos dos índios que são sentinelas do tesouro, eles seguem resguardando o tesouro, essa é outra explicação, no entanto já estamos falando de explicações sobrenaturais.

Essa narrativa compõe-se de elementos que configuram esse texto como lenda, pois se refere a um acontecimento local que tem um cunho histórico, relembrando Câmara Cascudo

(2006), através das lendas o povo ressuscita o seu passado, é possível identificar nessa lenda que há uma referencia a um evento do passado que tem grande importância histórica, que é o combate de Caiboaté, porém se há ou não um tesouro escondido na pedra, se é verdade ou não que os padres jesuítas realmente passaram por aqui, isso não podemos afirmar, pois estamos falando de lendas, são textos literários que geralmente tem argumento histórico, não significa que tenha um compromisso fidedigno com a realidade.

A lenda da Chácara Queimada

Tudo aconteceu num dia quente do verão de 1877, o sol atacava todo o território do Rio Grande e Caçapava também sofria com a forte seca, o dia seguia seu ritmo habitual, era a hora da sesta e todos descansavam na estância do solar de pedra, os estancieiros dentro da casa luxuosa, os agregados e os escravos estavam á sombra de uma figueira.

Tudo era silencio, nem o mugir do gado e o canto dos pássaros se ouvia, de repente o silencio foi quebrado com uma estranha presença, sem saberem de onde surgiu, eis que aparece uma senhora, pobrementemente vestida, ela pedia água e um lugar para descansar.

Os estancieiros não permitiram que ela se aproximasse da casa, lhe ordenaram que ficasse à sombra das árvores mais distantes, e poderia ficar pouco tempo.

A senhora obedeceu à ordem que lhe havia sido dada, porém antes de seguir em direção as árvores falou uma frase que ficaria para sempre na memória de todos que ali estavam, “QUE PENA! UMA CASA TÃO LINDA E VAI DURAR TÃO POUCO...” em seguida seguiu em direção ao mato.

Quando as pessoas voltaram os olhos a casa, viram as labaredas de fogo tomar conta do suntuoso solar, da casa só restaram às ruínas, as pessoas se salvaram, mas os bens que ali estavam foram consumidos pelas chamas.

Após o ocorrido os escravos saíram à procura da mulher para averiguar de quem se tratava, as buscas foram em vão, a mulher sumiu da mesma maneira que apareceu, ninguém sabia como, os estancieiros assustados mudaram-se para Pelotas, outros moradores das redondezas também venderam suas terras devido ao medo da tal visita.

Para uns a senhora era uma bruxa, para outros era a Nossa Senhora, ela teria visitado aquela família para testar sua bondade, e o fogo teria sido um castigo.

Coincidência ou não, o fato é que em seguida a chuva voltou a esverdear os campos e a encher os rios.

Essa lenda data de 1877, por volta dessa época o Rio Grande do Sul já sentia os efeitos da prosperidade, a agricultura era uma importante fonte de renda para a província, os imigrantes alemães se destacavam na agricultura e na comercialização do produto, os comerciantes enriqueciam, São Leopoldo se tornou um importante núcleo comercial. A pecuária por sua vez, estava passando por um momento de crise, as charqueadas estavam em queda, em face da escassez de mão de obra escrava e a criação de frigoríficos na zona do Prata. A política encontrava-se vivendo um período de muitas mudanças, a República estava sendo implantada e no Rio Grande do Sul o Partido Liberal assumia a presidência da Província. Não bastasse tantas mudanças nesse período também foi registrada uma grande seca no território gaúcho⁶.

A seca que assolava a região pode ter sido causa natural, para explicar o incêndio que deu origem à lenda da Chácara Queimada, essa seria uma explicação aceitável e lógica, porém na voz do povo ela recebe diferentes interpretações.

A personagem principal é a anciã, através dessa figura humilde, as interpretações são formadas. Segundo a crença popular, a mulher seria Nossa Senhora, que ao pedir poso e comida, estava testando a bondade dos estancieiros, que conforme descrição no próprio texto eram pessoas insensíveis, não se deixavam abalar pelo sofrimento humano, não eram caridosas, e a Santa ao perceber que ali vivia uma família que não se abalava pelo sofrimento do outro, os castigou rogando-lhes uma praga que em seguida havia se transformado em fogo, conforme .

Conforme Coelho (2000, p. 176) as mulheres sempre tiveram sua imagem ligada a fadas, videntes, divindades, essas imagens são preservadas em algumas religiões e superstições, isso porque o feminino está ligado a energias relacionadas “ao elemento cósmico aderido a terra, a mulher é destino, é tempo, é a lógica orgânica do próprio futuro”, sempre

⁶ No verão de 1876/1877, registrou-se uma terrível seca, de outubro de 1876 até fevereiro de 1877, não caiu uma gota de água de chuva. MANUEL DA COSTA MEDEIROS. História do município de Herval. F. 114. Universidade de Caxias do Sul. 1980 – ABRÃO (1992, p. 104)

que o homem quer saber mais do seu destino buscou respostas com alguma mulher, e esse poder de adivinhar seria explicado pela relação da mulher com essas energias da terra.

Na lenda a mulher pode ter tido uma premonição ou também pode ter rogado uma praga, se a causa foi sobrenatural ou não, nunca saberemos o fato é que o incêndio ocorreu, o solar que era luxuoso se transformou em ruínas, essas ruínas até hoje são visitadas, e são relacionadas à lenda.

A lenda do Passo dos enforcados

Essa lenda conta a história de um amor que terminou em tragédia.

Era o ano de 1793 e dois jovens apaixonados somente queriam viver um grande amor, mas era um amor proibido, o pai da moça não aceitava ver a filha com aquele rapaz, eles viviam em Rio Pardo e para viver esse amor saíram em fuga pelo Rio Grande.

A moça era filha de um homem influente na cidade de Rio Pardo, que ao perceber a fuga da filha, usou de sua influencia política pra conseguir apoio de soldados para sair à caça dos dois fugitivos.

Os jovens saíram sem rumo, simplesmente andavam pelas trilhas, raras vezes encontravam alguém ou alguma casa, quando contavam a sua história recebiam ajuda, mas o medo os acompanhava, e os soldados juntamente com o pai da moça estavam sempre muito próximos. Por obra do destino o casal chegou às margens do Camaquã, era noite e chovia muito, eles tiveram que acampar ali, não era possível passar pelo rio naquelas condições, em seguida o grupo que os perseguia também chegou ao local, porém só uma pessoa os avistou, era o escravo Deusinho.

Deusinho com pena da moça, logo deu um jeito de avisá-la que estavam ali, assobiou e a moça o reconheceu, os dois se encontraram e ele pediu para que desistisse da fuga e voltasse com seu pai, ela se recusou dizendo que já não podia voltar porque estava grávida.

Ao voltar até o acampamento dos soldados Deusinho foi questionado se não sabia onde se escondera a moça, o escravo negou que soubesse de alguma coisa e foi chicoteado

pelo seu dono. Ao raiar o dia, o grupo começou a procurar pelo casal, andaram pelo mato, havia muito barro, o vento e o frio também companheiros de busca, que só terminou quando ao avistar uma árvore perto do rio, o pai viu os dois enforcados.

Segundo reza a lenda, quem passar pelo local onde o casal se enforcou irá ouvir os lamentos dos apaixonados. O local ficou conhecido como Passo dos Enforcados.

Essa lenda não faz alusão direta a eventos históricos, porém menciona os soldados que viviam em Rio Pardo, esse município abrigou um regimento militar, os soldados desse regimento tinham como função resguardar as fronteiras, protegê-las de ataques castelhanos.

Essa narrativa tem como tema principal “o amor proibido”, que termina em tragédia, é um tema recorrente em outros gêneros literários e sempre desperta interesse no leitor/ouvinte.

Essas histórias suscitam o sentimento de compaixão que é natural do ser humano, comover-se diante dessas tragédias amorosas, o sofrimento dos personagens, a luta travada pelo herói e pela heroína, o final trágico, podem revelar padrões comportamentais e valores morais de uma determinada época.

O pai é um ser autoritário, aquele que decidia o destino das filhas, homem influente e poderoso, senhor de escravos. Um indivíduo típico de uma época que o poder estava nas mãos dos estancieiros.

A mulher é vista como um ser que deveria obedecer, e quando não o fazia de alguma forma era punida, geralmente a punição para a desobediência feminina vem através da morte.

Na lenda o único personagem que tem nome é o escravo Deusinho, o escravo que é chicoteado, a mulher e o escravo são os arquétipos de um ser oprimido e sem voz, vítimas de uma cultura machista que até hoje se perpetua, os negros já não são mais escravos, contudo ainda sofrem com um racismo velado, a mulher ainda busca sua liberdade e ainda hoje é punida por querer decidir a sua vida.

A localização geográfica, a descrição de um local da região faz com o que o povo conheça mais o espaço onde vive, a região onde supostamente o casal de namorados se enforcou é conhecido como Passo dos Enforcados, muitas devem ser as versões para o surgimento de tal nome, as lendas tem essa característica, por serem de origem anônima, elas não tem um compromisso com a realidade, por isso cada contador pode suprimir ou criar fatos

que achar pertinente, isso vai estar de acordo com o conhecimento que ele tem da história do lugar, dos personagens e também da própria narrativa.

A lenda do Cerro do Queima Chapéu

Essa lenda de nome curioso descreve um fato que ocorreu às margens do Rio Irapuá no interior de Caçapava do Sul, diz que um moço que vivia em Santa Catarina se apaixonou por uma moça de lá, a família era contra, e para viverem esse amor eles fugiram, mas durante a fuga ele teve que matar o irmão da amada.

Os dois vieram viver no interior do município, ele se tornou fazendeiro, nunca se descuidou, pois sabia que um dia alguém viria atrás dele, sempre desconfiado, nunca andava desarmado, um dia percebeu um movimento suspeito no meio do mato, encontrou um cavalo que trazia no lombo a marca da fazenda do sogro, escondeu-se e esperou o dono do cavalo aparecer, quando o homem apareceu deu-lhe três tiros.

Anos mais tarde apareceu em sua fazenda um moço calado, estranho, pediu emprego e acabou ficando na fazenda, tempo depois revelou ao fazendeiro que tinha ido parar ali, por mando do pai da sua esposa, o homem sem pensar na amizade que já tinha pelo rapaz resolveu matá-lo, um certo dia os dois saíram camperiar pela fazenda e quando chegaram perto de um cerro, ele o matou a tiros. Para ocultar o cadáver resolveu queimá-lo, porém depois de feito o serviço percebeu que tinha esquecido o chapéu, tentou queimá-lo, mas não teve sucesso, o chapéu parecia estar enfeitiçado, não queimou.

Diante desse fato o cerro acabou sendo conhecido por Cerro do Queima Chapéu.

Essa lenda repete o tema do “amor proibido”, contudo se difere da outra, nesse caso os personagens conseguem viver a história de amor, mas ainda assim a morte norteia a narrativa.

A lenda se origina a partir de um fato sobrenatural que está relacionado à morte, o fato do chapéu não queimar pode significar uma espécie de castigo ao assassino, aquela prova material sempre vai lembrá-lo do ato cometido.

O cerro acaba se tornando um ponto importante, pois é ali que se dá o desenlace da história, a localização do cerro se dá a partir do rio Irapuá, para alguém que não é da região

talvez essa informação seja insignificante, mas para os moradores da região isso faz com ela se identifique com o texto.

Um dos elementos das lendas é essa localização geográfica, ou seja, a história irá se referir a uma região específica,

A Lenda do Cemitério da Barbosa

Transcorria o ano de 1820, o Rio Grande do Sul descansava das lutas travadas pela consolidação das suas fronteiras. As armas ensarilhadas eram substituídas pelas ferramentas, o gaúcho entregava-se às lides pacíficas de restaurar sua casa, reunir as rezes extraviadas, marcá-las, domar os cavalos xucros para o serviço do campo ou para a próxima guerra.

O povo se divertia nas carreiras, bailes, onde, enquanto os moços dançavam, os mais velhos tomavam chimarrão, cortavam o churrasco e contavam causos da guerra ou que sabe já falavam na independência do Brasil.

A paz que se seguia não entrava na casa da viúva Maruca Fillis, a dona da estância era senhora de caráter austero e princípios rígidos, tinha um único filho, que ela idolatrava.

A senhora possuía muitos escravos e diversos agregados, um deles era o seu Barbosa era pai de uma moça muito prendada e dona de muita beleza.

O filho da estancieira era apaixonado pela filha do agregado, a mãe era contra esse amor, o jovem rapaz que já havia lutado em guerras ao lado do Cap. Bento Gonçalves da Silva, na Campanha Oriental, possuía também um caráter altivo, diante disso os dois tinham discussões violentas.

Certa tarde de sábado o rapaz encilhava o cavalo para ir buscar a moça a fim de levá-la a um baile, quando sua mãe surgiu e o proibiu de sair com a filha do seu Barbosa. O rapaz não lhe deu ouvidos, a mãe aos gritos lhe falou.

Vai... Mas fica sabendo que prefiro ver te morto entre quatro velas que ver te casado com essa moça.

O rapaz seguiu seu caminho, mas depois do baile quando voltava para casa sozinho, foi atacado por um tigre (maneira como eram chamadas as onças), o jovem tentou reagir frente ao ataque, porém foi em vão, o cavalo voltou a estância o cavaleiro.

Os escravos viram o cavalo chegar e logo saíram à procura do rapaz, logo encontraram o corpo do rapaz, dona Maruca ao saber da morte do filho mandou que o sepultassem no mesmo local onde morrera, dizem que ela não foi ver o filho morto.

A moça cercou a tumba do amado de flores e lá permanecia dia após dia, regando as flores com seu pranto, inconsolável com a morte do amado, adoeceu e morreu pouco tempo depois. Os dois ficaram eternamente juntos.

Acredita-se que assim surgiu o cemitério que existe até hoje.

A lenda tem como tempo cronológico o ano de 1820, na narrativa esse ano é descrito como um ano de descanso, “as armas estavam ensarilhadas e o gaúcho enfim podia dedicar-se as lides do campo”.

O ano de 1820 marcou o fim de mais um período de guerra, a guerra artiguista, e a vitória dos soldados imperiais se confirmava a partir do primeiro ato de governo de Dom Pedro I que foi o de anexar ao reino, as terras conquistadas ao caudilho Artigas, a Banda Oriental do Uruguai passava a se chamar Província Cisplatina. Lessa (2002)

A região passou a ser parte do Rio Grande do Sul, isso favoreceu a elite local, principalmente a que vivia do charque, pois o gado uruguaio passou a pertencer aos gaúchos e fomentou as charqueadas.

Cabe salientar que essa realidade foi logo modificada, pois em 1825 a Banda Oriental iniciava um movimento de independência, e novos conflitos iniciaram, mais uma vez os gaúchos estavam em meio a batalhas, no entanto dessa vez terminariam derrotados, e em 1828 o Uruguai conquistou sua independência e isso fez com que as charqueadas sofressem um duro golpe.

Além de se referir a esse período histórico a narrativa tem como tema principal mais uma história de um amor que termina em tragédia. O amor que novamente é tema das lendas de Caçapava.

Também chama a atenção à atitude de duas mulheres, que são conflitantes, de um lado tem a fragilidade da mocinha que morre de amor, por outro, temos a austeridade da estancieira. Comportamentos que são esculpido pela vida, a jovem que sofre pelo amor, por ainda não ter vivido grandes dores, e a mulher viúva que teve cuidar sozinha dos negócios e já tem a frieza de um homem.

Os costumes do gaúcho são descritos nessa lenda, a tradição do churrasco das festas, a doma do cavalo xucro, reunir as rezes, são afazeres típicos do morador da campanha, define esse povo, e eles por sua vez se identificam e se percebem no texto, as lendas também tem essa função de refletir o povo da região.

O cemitério que se originou a partir dessa suposta história de amor e tragédia ainda existe e fica no interior do município, o cenário e o tema são ideias para uma lenda.

A lenda da Lagoa Comprida

A Lagoa Comprida fica no Irapuá, no município de Caçapava do Sul. Diz à lenda que os padres jesuítas atiraram uma grande arca de cheia de ouro, prata e joias dentro da lagoa, fizeram isso num tempo em que fugiam dos bandeirantes mamelucos. Com a intenção de recuperar a arca, os padres a amarram a uma corrente, cuja ponta ficou fora d'água.

Os padres nunca mais voltaram e acredita-se que a arca esteja lá até hoje, muitas pessoas já tentaram encontrar a tal arca, mas a lagoa comprida continua guardando esse tesouro.

Essa lenda assim como a da Pedra do segredo se refere à passagem dos padres jesuítas pela região, mas cada uma se relaciona a um período diferente.

Os padres foram obrigados a fugir com os índios porque os bandeirantes perseguiram os índios, a falta de escravos negros, ocasionou uma diminuição de mão de obra, isso na

época em que os mesmos perseguiram os índios para escravizá-los nas fazendas de açúcar. Na lenda não há uma data específica, mas de acordo com os historiadores, a caçada aos índios só terminou em 1640, então se supõe que se os padres realmente passaram por essa região foi nessa época.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho falamos sobre os aspectos que estão relacionados às lendas de Caçapava do Sul.

Podemos concluir que as narrativas que compõe o conjunto de Lendas de Caçapava, conservam todos os aspectos que são característicos desse gênero, vem da tradição oral, são textos feitos pelo povo para serem contados para o povo; são marcados pelo anonimato; e por isso podem sofrer transformações, alguns fatos podem ser modificados ou incorporados,

São narrativas que dialogam a história do município e do estado, porém são obras de ficção, algumas das lendas utilizam-se das ocorrências históricas como pano de fundo porque a partir dessas ocorrências se originaram outras histórias que tem por finalidade explicar ou exemplificar comportamentos que são próprios do ser humano independente da época em que se registram.

As lendas de Caçapava também nos apresentam um misto de crenças e de culturas, que são originadas a partir de influências dos povos que colonizaram essa terra; igualmente revelam costumes que foram sendo incorporados pelo gaúcho ao longo de sua história que é marcada por batalhas, que se traduzem em mortes, por isso percebemos esse tema tão presente nas narrativas, guerras e mortes são encaradas como algo natural, porque sempre fizeram parte da vida desse povo.

Durante nossas pesquisas descobrimos que a lenda da Chácara da Queimada que está no livro do historiador Nicolau da Silveira Abrão; é apresentada pelo nome de A lenda da Chácara Incendiada, e está no livro Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul, de Antonio Augusto Fagundes; as lendas também são recontadas no livro do escritor Alcy Cheuiche- Estórias e Lendas de Caçapava do Sul, além disso estão disponíveis em áudio, são apresentadas em um CD organizado pelo Ponto de Cultura do CTG Clareira da Mata.

6. REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Nicolau da Silveira. **História do Município de Caçapava do Sul**. 3° ed. Martins Livreiro. 1992
- AZEVEDO, Ricardo. **Conto Popular Literatura e Formação de Leitores**. Cultura Popular e Educação. Salto para o Futuro. Brasília-2008.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo. 4° ed. Companhia da Letras, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Viver de Criar Cultura, Cultura Popular, Arte e Educação**. Cultura Popular e Educação Salto para o Cultura Futuro. Brasília-2008.
- CASCUDO, Luís da Câmara . **Literatura oral no Brasil**. São Paulo. .2° ed. Global, 2006.
- CAVALCANTI, Maria Laura. **Entendo o Folclore**. Cultura Popular e Educação Salto para o Cultura Futuro. Brasília-2008.
- CHEUICHE, Alcy. **Estórias e Lendas de Caçapava do Sul**. Porto Alegre. Sulina 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil, Teoria, Análise, Didática**. São Paulo. ed. 7. Moderna , 2000.
- DION, S. **A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural**. Boitató Revista, n. 6, ago. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/boitata/volume_6_2008/lenda%20urbana%20Sylvie%20Dion%20ook.pdf>. Acesso em: 23/02/13
- FAGUNDES, Antonio Augusto. **Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul**. 9°ed. Martins Livreiro Brasil, 2009.
- GABRIEL, Eleonora. **Linguagens Artísticas da Cultura Popular**. Cultura Popular e Educação Salto para o Cultura Futuro. Brasília-2008.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo. 9° ed. Ática, 2006.
- LESSA, Luiz Carlos. Barbosa. **Rio grande do Sul, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande**. 4ed. Porto Alegre: AGE, 2002
- MARQUES, Francisco. **Aventura Partilhada**. Cultura Popular e Educação. Salto para o Futuro. Brasília-2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 8° ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Caçapava do Sul**. Porto Alegre. Tipografia Gundlach. 1942.

QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro. 2003.

SILVA, Marisa. **O Que Vamos Aprender Hoje**. Cultura Popular e Educação. Salto para o Futuro. Brasília-2008.

ANEXO 1

A LENDA DA LAGOA COMPRIDA

A Lagoa comprida fica no Irapuá, no município de Caçapava do Sul. É um lugar bonito e tranquilo, onde até bem pouco faziam-se muitas pescarias.

Diz a lenda que os padres jesuítas, fugindo dos bandeirantes mamelucos, li atiraram uma grande arca cheia de ouro, prata e joias. Para que pudessem voltar mais trade e puxar a arca, ataram nela uma grossa corrente, cuja ponta livre deixaram fora d'água. Mas os padres nunca mais voltaram e a arca até hoje está lá, no fundo escuro da Lagoa Comprida.

Muita gente ainda anda procurando o tesouro dos padres. Nas pescarias, atiram-se anzóis com a esperança de enganchar a lendária corrente. Até cavaram um valo, certa feita, para baixar o nível das águas. E nada. A Lagoa comprida guarda para sempre o seu segredo.

Esta versão da lenda está disponibilizada no livro **Mitos e lendas do Rio Grande do Sul** de Antonio Augusto Fagundes. (2009, p. 85).

ANEXO 2

A LENDA DO CERRO DO QUEIMA-CHAPÉU

Às margens do rio Irapuá, no interior do município de Caçapava do Sul, existe um cerro de mui curioso: Cerro do Queima-Chapéu.

Por quê?

Foi assim: diz a lenda que um moço catarinense se apaixonou por uma moça de lá da terra deles. Como os pais dela contrariavam o casamento, numa noite ele roubou a moça, mas, descoberto, teve que matar um irmão dela para fugir. Aí veio com ela para o Irapuá, onde com o tempo, se tornou fazendeiro.

Mas sempre se cuidando, esperando a vingança da família da mulher. Um dia, descobriu no meio do mato, em suas terras, um cavalo encilhado. Na anca, a marca da fazenda do sogro vingativo. Ele simplesmente esperou o dono do cavalo, escondido e deu-lhe três tiros.

Anos mais tarde, um rapaz procurou trabalho na fazenda do cerro do Irapuá. Era um moço calado e estranho, que conquistou a família do desconfiado fazendeiro com a sua amizade.

Um dia, não resistiu mais e lhes contou a sua história: viera para matar, mandado de santa Catarina pelo pai da mulher do fazendeiro, mas se tomara de amizade e desistira do crime.

Não adiantou: o fazendeiro foi esperar por ele no cerro e matou-o a tiros. Para a família não ficar sabendo, queimou o corpo do moço, numa grande fogueira . aí se deu conta que o chapéu do moço tinha ficado de fora. Atirou o chapéu ao fogo, mas este não queimou, por mais que o fazendeiro tentasse.

Por isso o cerro acabou tomando o nome de Cerro do queima-Chapéu.

Esta versão da lenda está disponibilizada no livro **Mitos e lendas do Rio Grande do Sul** de Antonio Augusto Fagundes. (2009, p. 90).

ANEXO 3

A LENDA DO CEMITÉRIO DA BARBOSA

Distando uns doze quilômetros da cidade de Caçapava, encontra-se o antigo cemitério da Barbosa. Sua origem também está envolta em lenda.

Transmitida oralmente, através de gerações, estará por certo um tanto deturpada, mas a sua essência – a história de um amor infeliz- consegue ainda tocar o coração da nossa gente simples e sentimental.

Ei-la, conforme nos foi narrada.

“Transcorria o ano de 1820., o rio Grande descansava das lutas pela consolidação das nossas fronteiras.

Nos campos, reinava a paz agora. As armas, ensarilhadas, foram substituídas na mão dos homens pelas ferramentas. E o gaúcho entregava-se às lides pacíficas de restaurar sua casa, reunir as reses extraviadas, marcá-las, domar cavalos xucros para o serviço do campo ou... para a próxima guerra.

Mas sobrava ainda tempo para algum divertimento, carreiras e bailes onde, enquanto os moços dançavam, os mais velhos tomavam chimarrão e cortavam o churrasco, contando “causos” da guerra, ou, quem sabe, já falando na independência para o Brasil.

Porém, na casa grande da estância da Viúva Maruca Fillis, não havia paz... Senhora de caráter austero e princípios rígidos de uma castelã medieval, tinha um único filho homem, que ela idolatrava.

A estancieira era senhora de muitos escravos e possuía diversos agregados. Um desses, de sobrenome Barbosa, era pai de uma moça muito prendada e de rara beleza.

Desde a infância, forte simpatia unia o moço estancieiro à filha do agregado. Na mocidade, esse sentimento transformou-se num grande amor.

Mas a mãe opôs-se à paixão do filho e, por todos os meios, tentou demovê-lo do propósito de desposar a moça. No entanto, o jovem gaúcho que já provara sua coragem lutando sob as ordens do então Capitão Bento Gonçalves da Silva, na Campanha Oriental, possuía também um caráter altivo. E, entre mãe e filho, sucediam-se discussões cada vez mais violentas.

O rapaz passou a encontrar-se com sua amada às escondidas.

Certa tarde de sábado, encilhava ele seu cavalo ao lado do galpão.

Preparava-se para ir até a residência da namorada, a fim de apanhá-la e irem juntos a um baile.

Surgindo nesse momento, a viúva proibiu-o de sair. Mas o jovem calmamente montou em seu cavalo e afastou-se. Exasperada por se ver desacatada pelo filho, a estancieira gritou-lhe:

-Vai, mas fica sabendo que prefiro te ver morto entre quatro velas a te ver casado com essa moça...

Sem se voltar, o moço prosseguiu a trote parecendo nem ter ouvido as terríveis palavras maternas.

Depois do baile, pela madrugada, ele voltava sozinho e, já próximo à estância, foi atacado por um tigre (assim eram chamadas as onças naquele tempo). O jovem foi jogado do cavalo ao chão. Tentou lutar com a fera, mas foi vencido... Sua montaria fugiu em disparada para a fazenda.

Os escravos, vendo o cavalo chegar sem o cavaleiro, partiram logo à procura do jovem senhor. Encontraram seu corpo, quando a onça já se preparava para devorá-lo. Afugentaram a fera e, enquanto uns guardavam o cadáver, outros voltaram à estância com a trágica notícia.

Ao saber da morte do filho, a estancieira ordenou que o sepultassem no próprio local onde morrera.

Dizem que não foi ver o filho morto. Talvez não tivesse coragem de vê-lo “entre quatro velas”, como lhe gritara poucas horas antes, num ímpeto de raiva...

Mas a filha do agregado plantou uma cruz sobre a tumba de seu amado, cercou-a de arbustos e levou-lhe flores, regadas com seu pranto. E, inconsolável com a perda de seu amor, adoeceu, morrendo também pouco tempo depois.

Atendendo a seu último pedido, sepultaram a jovem Barbosa ao lado do noivo. Daí o nome do cemitério.

Para realizarem seu sonho de amor, foi preciso deixar este mundo.

Decerto lá no céu se encontraram e viveram a felicidade que lhes foi negada na terra.

E foi assim, com as tumbas desses amantes desditosos, que teve origem o “velho cemitério”.

Esta versão da lenda está disponibilizada no livro **História do Município de Caçapava do Sul** do historiador Nicolau da Silveira Abrão (1992, p.107).

ANEXO 4

A LENDA DO PASSO DOS ENFORCADOS

Era o ano de 1793. Dois jovens apaixonados não podendo unir suas vidas, começaram uma grande jornada. Saíram de Rio Pardo montados em um cavalo branco, seguindo dia e noite sem rumo. O pai da moça, homem influente na região, conseguiu uma escolta militar para encontrá-los. A perseguição foi drástica. Mas, pouco a pouco, entre os soldados, começaram a primeiras dúvidas. Vale a pena destruir um grande amor?

A escolta chegou ao seu limite. Continuaram o pai e alguns escravos. Os jovens seguiam pelas trilhas. Raras vezes, encontravam alguém ou alguma casa. Contavam sua história. Conseguiram abrigo e alimentação. O medo era companheiro, principalmente à noite.

Após diversos dias de cavalgada chegaram às margens do Camaquã. À direita um desfiladeiro. À esquerda o contorno de um lagoão. Veio uma chuvarada. Impossível atravessar. Estavam encurralados.

Era o tempo necessário para os seus perseguidores chegarem. O escravo Deusinho foi o primeiro a ver os dois. Quietamente, avançou sorrateiramente. Assobiou. A jovem reconheceu quem estava assobiando e fez sinal para o escravo aproximar-se. Abraçou- chorando e quis saber de sua mãe. A resposta foi lacônica. Ficou sozinha e Deus. O noivo permaneceu esperando o desfecho daquele encontro. O negro pediu encarecidamente.

- Minha filha, vamos embora.

- Não posso. O desejo de vingança é grande. Maior vai ficar quando souberem que estou grávida.

- Vocês não podem esperar o Camaquã baixar. A noite está perto.

- Sozinha não vou.

- Então, fiquem escondidos. Não direi nada a teu pai.

Novos trovões, a chuva recomeçou. O escravo voltou sem dizer nada. O pai da moça, desconfiado, perguntou:

- Desgraçado, tu estás escondendo a verdade?

Sem resposta, deu-lhe várias chicotadas. Assim mesmo, o infeliz nada disse.

Ao clarear do dia o pai da moça gritou:

- Vamos cercar este matagal. Sinto que eles estão perto.

Todos foram a procura. Só restava chegar no passo. As árvores menores estavam embaixo da água. O barral não permitia prosseguir.

O escravo, ainda com o lombo dolorido, começou a gritar:

- Sinhô!... Sinhô! Venha ver!

O velho correu olhando para uma árvore de galhos compridos. Parou, bateu com o relho na mão e disse:

- Que desgraça!

Os noivos estavam enforcados. Corpos balançando. Parecia que dançavam a valsa nupcial.

O escravo batia com as mãos na cabeça. Seu pensamento era um só. Fui o culpado. Não avisei.

Se foi verdade? Fica na imaginação de cada um. Mas o certo é que, por amor, tudo é possível. Aquele lugar ficou conhecido como O Passo dos Enforcados. Santuário do amor incompreendido. Dizem que até hoje, nas noites de ventania, com o ranger dos galhos ouvimos a voz dos jovens enamorados:

- Te amo... – Te amo...

Esta versão da lenda está disponibilizada no livro **Estórias e lendas de Caçapava do Sul** do escritor Alcy Cheuiche (2002, p. 83).

ANEXO 5

A LENDA DA CHÁCARA DA QUEIMADA

“Chácara-Queimada” é o nome de uma zona rural no 1º distrito do município de Caçapava do Sul. Tal denominação vem das ruínas de um vastuto casarão de pedras que, ainda hoje, se pode ver que foi destruído por incêndio.

Na voz popular, o sinistro teve causa sobrenatural.

Talvez a seca calamitosa que assolava o rio Grande do Sul naquela época, concorresse para que pessoas simples vissem nesse incêndio “um castigo do céu”.

E assim surgiu a lenda: - No lugar daquelas ruínas, erguia-se um suntuoso solar de pedra, rodeado de pomares.

Na frente, enormes figueiras estendiam sua acolhedora sombra. Era a residência de uma bastada família que, cheia de orgulho, não convivia com os vizinhos e a ninguém prestava favores (naquele tempo, em que era comum prestarem-se auxílios mútuos...), nem auxiliava quem quer que fosse, por mais necessitado que estivesse.

Era o ano de 1877. A Província do rio Grande do Sul estava sob o flagelo da maior seca da sua história. Os campos secos. As sementes lançadas a terra nem chegavam a germinar. As sangas eram poços de água estagnada. Só nos arroios maiores e nos rios ainda havia água. E os poucos aramados existentes foram abertos para que o gado tivesse caminho livre em busca do que beber. Assim, parte do rebanho se salvou, saciando a sede nos rios Irapuá, Jacuí e Camaquã.

Os gaúchos perscrutavam o horizonte, na esperança de avistarem uma nuvem que prenunciasse a Benção da chuva tão desejada. Mas em vão.

Um dia, à hora da sesta, todos descansavam na estância do solar de pedra- os donos no interior da casa, os agregados e os escravos, á sombra das figueiras. Nem a mais leve brisa movia as folhas das árvores. Não se ouvia o mugir do gado, nem o canto dos pássaros. Até as estridentes vozes das cigarras cessaram nas restingas. – SILÊNCIO...

E eis que surge, ninguém viu de onde, uma anciã pobrememente vestida. Com humildade pediu para descansar ali, pois tinha fome e estava fatigada de tanto caminhar. Os proprietários consultados não permitiram que ela se aproximasse da casa. Ordenaram que ficasse à sombra das árvores mais distantes e, ainda assim, por pouco tempo.

A desconhecida obedeceu. Parecia meditativa. Pouco depois levantou-se e, olhando fixamente para o casarão, disse, em voz que foi por todos ouvida: “QUE PENA UMA CASA TÃO LINDA E VAI DURAR TÃO POUCO...”. Virou-se e seguiu em direção ao mato que ficava próximo, onde desapareceu.

E quando os que a seguiam com o olhar, voltaram-no para a casa viram as primeiras labaredas do fogo que a destruiu, bem como tudo o que continha. Só as pessoas se salvaram.

Impressionados com as palavras da estranha visitante, saíram à sua procura. Mas foram baldados todos os esforços para encontrá-la.

Em vão, indagaram pelas casas em muitas léguas. Ninguém a conhecia. O caso se propalou e os estancieiros assustados, venderam seus campos e foram residir na cidade de Pelotas.

(N. A.) – Em 1954, uma pessoa com 78 anos de idade que nasceu, portanto, um ano depois do incêndio, me contou essa lenda. Disse que, quando menino, ouvia seu pai contar que vizinhos e pessoas que moravam bem distante, afluíram ao local, tentando localizar a misteriosa anciã, que nunca foi encontrada.

Logo depois, chovia por toda a província. Assim se espalhou a lenda de que a velhinha era a própria Nossa Senhora, que descera a terra para castigar os maus.

Todos foram unânimes em afirmar que ela não se aproximou da casa. Teria visto antes dos outros o início do incêndio? Mas como conseguiu fugir sem deixar vestígios?

Em 1969, estivemos no local com então prefeito Sr. Ismael Eileres e o Sr. Rodolino da Rosa Garcia. Lá encontramos cacos de louças calcinados. O atual proprietário nos disse que, lavrando a terra próximo às ruínas, encontraram uma moeda de ouro. Caçapava do Sul, maio de 1974.

Esta versão da lenda está disponibilizada no livro **História do Município de Caçapava do Sul** do historiador Nicolau da Silveira Abrão (1992, p.104).

ANEXO 6

A LENDA DA PEDRA DO SEGREDO

A lenda da Pedra-do-Segredo teceu-se em torno de supostos tesouros jesuíticos.

Quando das "Guerras Missioneiras", os padres jesuítas buscaram um lugar seguro para esconder um grande tesouro, composto principalmente de objetos de ouro e prata.

Caciques catequizados aconselharam-nos a escondê-lo no "Rincão-das-Pedras-Grandes", lugar de difícil acesso, cheio de grutas (zona da PEDRA-DO-SEGREDO).

E o tesouro, distribuído por várias canastras, veio transportado no lombo de animais.

Muitos avistaram as bestas, canastras na garupa, atravessando um "passo" no rio Camaquã. Viram-nas também na volta, mas, não levavam mais a carga.

- O tesouro ficou escondido na Pedra-do-Segredo.

Pouco depois, travou-se o combate de Coiboaté (10/02/756)

Os indígenas das reduções jesuítas, sob o comando de Sepé Tiaraju, não obstante toda sua bravura foram massacrados pelos exércitos de Castela e Portugal. Entre eles, pereceram os índios que conheciam o segredo do tesouro escondido. Depois, os jesuítas foram deportados.

E, assim, o tesouro ficou esquecido, sem que ninguém saiba onde o esconderam. Mas diz a lenda que, ainda hoje, as almas daqueles índios guardam zelosamente o local do "segredo".

Quem se aproximar dos cerros, à noite, há de ver seus fantasmas fosforescentes, arco e flecha na mão.

Sentinelas fiéis ao juramento, ainda depois da morte, através dos séculos, continuam em seu posto, até que os jesuítas os dispensem da missão de guardar o tesouro.

Esta versão da lenda está disponibilizada no livro **História do Município de Caçapava do Sul** do historiador Nicolau da Silveira Abrão (1992, p.101).

